

O DESCONSTRUCIONISMO EM OS CUS DE JUDAS*

Vitor Hugo Fernandes MARTINS**

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como, por exemplo as de gênero – começam a ficar visíveis. (DERRIDA, HASSAN, citados por HUTCHEON, 1991, p. 86)

RESUMO – Neste artigo, objetiva-se descobrir e interpretar, por meio da leitura do romance **Os cus de Judas** (1979), de António Lobo Antunes, o desconstrucionismo levado a efeito por esse ficcionista português, um dos mais inovadores, estudados e premiados da Literatura Portuguesa contemporânea. Desconstrucionismo que se dá nesta e em outras obras do autor – sublinhe-se – em vários níveis, seja o literário, o narrativo, o político, o histórico, o social, o familiar etc. Desconstrucionismo, como se sabe, aponta desde logo para o Pós-modernismo e, por extensão, para Linda Hutcheon e, principalmente, para Jacques Derrida, que, entre outros, dão suporte teórico às descobertas e às interpretações que se fazem aqui.

PALAVRAS-CHAVE – Literatura Portuguesa. Desconstrucionismo. Romance. **Os cus de Judas**. António Lobo Antunes.

RESUMEN – En este artículo, objetiva-se descubrir y interpretar, mediante la lectura del romance **Os cus de Judas**, de António Lobo Antunes, el desconstruccionismo hecho por ese ficcionista portugués, um de los más inventivos, estudados y premiados de la Literatura Portuguesa contemporánea. Desconstruccionismo que se hace en esta y en otras obras del autor – subrayese – en variados niveles, sea el literário, el narrativo, el político, el histórico, el social, el familiar etc. Desconstruccionismo, como se sabe, apunta de inmediato para el Pós-modernismo y, por extensión, para Linda Hutcheon y, principalmente, para Jacques Derrida, que, entre otros, dão apoyo teórico a las descubiertas y interpretaciones que se hacen aquí.

PALABRAS CLAVE – Literatura Portuguesa. Desconstruccionismo. Romance. **Os cus de Judas**. António Lobo Antunes.

A Literatura Portuguesa contemporânea, mais precisamente a prosa de ficção longa, o romance, tem se destacado desde a segunda metade do século XX até os nossos dias,

* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto (SP).

** Professor Titular do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *Campus* de Ipiaú.

graças ao prestígio de certos romancistas que vêm produzindo uma obra de reconhecida excelência literária. Pense-se aqui, por exemplo, em José Saramago (1920 – 2010), Nobel de Literatura em 1998, o único até hoje em Língua Portuguesa, o que por si só já diz muito do quilate dessa literatura.

Outro nome de destaque hoje, dentro e fora de Portugal, é o de António Lobo Antunes (1942 –), médico psiquiatra que se tornou um dos ficcionistas portugueses mais lidos, traduzidos e premiados atualmente (e também já indicado para o Nobel de Literatura). Por que isto se deu? Porque sua obra, que chega hoje a quase trinta títulos, é caracteristicamente portuguesa e, sendo assim, universal. E, como a do autor de **O ano da morte de Ricardo Reis** (1988), porque operando, entre outros procedimentos, com a Desconstrução, que implica pensar-se logo em Jacques Derrida¹, pós-modernista. Vale dizer, busca desconstruir verdades, seja no plano do conteúdo, seja no plano da expressão. E foi precisamente esta desconstrução efetuada por António Lobo Antunes, repita-se, em vários níveis, em **Os cus de Judas**, o que motivou a realização deste artigo. Desconstrução implica amor, labor, por mais estranho que isto possa parecer. Desconstrução implica, também, reconstrução, como se verá a seguir.

Assim, António Lobo Antunes, como todo bom pós-modernista, revê, relê, reescreve, por meio da ficção, a História, seja esta nacional, portuguesa, seja internacional, de outras nações. É justamente isto que ele faz em **Os cus de Judas** (mas também nas demais obras, componham elas a trilogia da guerra colonial² ou não). Trata-se, sem dúvida, de uma “autoficção”³. Aliás, outro procedimento bem pós-modernista. Mas se esclareça desde logo: no romance deste ficcionista português, o sentido parece ser exatamente o contrário daquele dado por Kosinski, uma vez que o criador está

¹ Filósofo e ensaísta argelino (1930 – 2004), de origem judaica, criador do Desconstrucionismo ou Desconstrutivismo, em 1966, nos Estados Unidos, com o trabalho “Estrutura, signo e o jogo no discurso das ciências humanas”.

² Esta trilogia compõe-se dos romances *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do inferno* (1980). Em 2003, António Lobo Antunes publicou *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, romance no qual retoma seu tema recorrente, obsessivo, a guerra colonial, em Angola, formando-se, assim, não mais uma trilogia, mas sim uma tetralogia.

³ Expressão cunhada pelo polonês-americano Jerzi Kosinski (1933 – 1991), citado por Linda Hutcheon, 1991, p. 28, por meio da qual o criador se deixaria influenciar pela criatura, e não o contrário (sic).

indisfarçadamente na criatura, e não o inverso. De fato, não há como não se pensar em romance autobiográfico, lendo-se **Os cus de Judas**.

A revisão, a releitura e a reescritura referidos no parágrafo anterior pressupõem uma postura crítica do romancista em relação à História portuguesa, seja esta doméstica ou externa. Objetiva-se aqui com este ensaio especificamente descobrir e interpretar a desconstrução que António Lobo Antunes realiza a respeito de valores portugueses inconfundíveis, mediante o que o narrador-protagonista (narrador autodiegético), não-nomeado, dá aos leitores, ao longo do relato de sua vida a um narratário extradiegético, igualmente não-nomeado.

Para melhor percepção de tais “valores portugueses inconfundíveis”, optou-se aqui por transcrever, a seguir, uma primeira passagem de **Os cus de Judas**, na qual, a princípio, muito ironicamente, e num segundo momento, mais satiricamente, António Lobo Antunes revê, relê e reescreve Portugal. Vejamo-la:

[...] O espectro de Salazar pairava sobre as calvas pias labaredzinhas de Espírito Santo corporativo, salvando-nos da idéia tenebrosa e deletéria do socialismo. A PIDE prosseguia corajosamente a sua valorosa cruzada contra noção sinistra de democracia, primeiro passo para o desaparecimento, nos bolsos ávidos de arduas e marçanos, do faqueiro de cristofle. O cardeal Cerejeira, emoldurado, garantia, de um canto, a perpetuidade da Conferência de São Vicente de Paula, e, por inerência, pobres domesticados. O desenho que representava o povo em uivos de júbilo ateu em torno de uma guilhotina libertária fora definitivamente exilado para o sótão, em bidês velhos e cadeiras coxas, que uma fresta poeirenta de sol aureolava do mistério que acentua as inutilidades abandonadas.[...] (ANTUNES, 2003, p. 15-16)

A passagem, apesar de longa, é muito reveladora do estilo deste ficcionista, sobretudo no que respeita à desconstrução, por meio da ironia e da sátira, dos valores culturais, políticos e sociais portugueses. Assim, a Política (Salazar) e a Religião (cardeal Cerejeira) dão-se as mãos contra o socialismo, que levaria a gente lusíada às trevas e à destruição. E o povo, “domesticado” pela caridade desmobilizadora da Conferência de São Vicente de Paula e representado no quadro exposto na sala é “exilado” para o sótão. Numa metáfora bastante significativa da exclusão deste segmento, “sucata social”, a ser posto de lado e abandonado pelos donos do poder. Trata-se, é certo, de uma desconstrução de valores portugueses domésticos, ou seja, voltados para dentro e que

dizem respeito ao ditador Salazar⁴, ao cardeal Cerejeira⁵ e à classe sempre mais sacrificada e aqui desmobilizada pela caridade da Conferência de São Vicente de Paula, a plebe. Esta desconstrução, sublinhe-se, também atinge os valores familiares, outro alvo sempre a ser desconstruído por António Lobo Antunes, neste e nos seus outros romances. Neste sentido, atente-se para o último período: a Família Portuguesa desconhece o "uivo do povo" e a "guilhotina libertária" que estão representados no desenho que vai para o sótão, para o abandono. Em contrapartida, o retrato, "emoldurado", do cardeal Cerejeira é reconhecido e, portanto, fica exposto, presente, na sala, entenda-se, na vida da família aburguesada.

Já noutra passagem que se transcreve mais à frente, ver-se-á como a desconstrução levada a efeito em **Os cus de Judas** aponta agora para fora, ainda que, é claro, diga também respeito ao de-dentro, à política nacionalista, colonialista:

O Leste? Ainda estou lá de certo modo, sentado ao lado do condutor numa das camionetas da coluna, a pular pelas picadas de areia a caminho de Malanje, Ninda, Luate, Lusse, Nengo, rios que a chuva engrossara sob as pontes de pau, aldeias de leprosos, a terra vermelha de Gago Coutinho que se prende à pele e aos cabelos, o tenente-coronel eternamente aflito a encolher os ombros diante do licor de cacau, os agentes da PIDE no café Mete-Lenha, lançando soslaio foscos de ódio para os negros que bebiam nas mesas próximas as cervejas tímidas do medo. Quem veio aqui não consegue voltar o mesmo, explicava eu ao capitão de óculos moles e dedos membranosos colocando delicadamente no tabuleiro, em gestos de ourives, as peças de xadrez, cada um de nós, os vivos, tem pernas a menos, quando se amputou a coxa gangrenada ao guerrilheiro do MPLA apanhado no Mussuma os soldados tiraram o retrato com ela num orgulho de troféu, a guerra tornou-nos em bichos, percebe, bichos cruéis e estúpidos ensinados a matar, não sobrava um centímetro de parede nas casernas sem uma gravura de mulher nua, masturbávamo-nos e disparávamos, o mundo-que-o-português-criou são estes luchazes côncavos de fome que nos não entendem a língua, a doença do sono, o paludismo, a amibíase, a miséria [...] (*Idem, ibidem*, p. 149-150)

Esta passagem é também bastante reveladora no que concerne à desconstrução, primeiramente, no plano da expressão, da própria estrutura narrativa, na medida em que se articula confusamente (vejam-se a propósito a pontuação utilizada e a sequência

⁴ António de Oliveira Salazar (1889 – 1970), político e professor português, extremamente católico e nacionalista, que se manteve ditatorialmente no poder durante mais de quarenta anos

⁵ Manuel Gonçalves Cerejeira (1888 – 1977), cardeal português ligado ao regime salazarista.

caudalosa das orações), o que tem a ver com a deflagração da memória do narrador-protagonista, este não menos confuso, que está “lá” (em Angola) e “aqui” (em Portugal), enfim, está no ontem e no hoje. Depois, convém atentar-se para o emprego de um recorrente vocabulário do campo semântico da Medicina – “membranosos”, “se amputou” “coxa gangrenada”, a “doença do sono”, “paludismo”, amibiase” –, o qual vem comprovar, entre outras coisas, como a *bio* está sempre, inevitavelmente, na *grafia* de um autor, ainda quando este se esforce por fingir, por “outrar-se”, o que não parece ser o caso de António Lobo Antunes, pelo menos em **Os cus de Judas** e na trilogia, melhor, na tetralogia já referida. Tem-se, assim, neste caso, um *desvio* lingüístico, gerando o poético ou o estético. Portanto, mais uma desconstrução, agora relacionada à linguagem, desconstrução que faz a linguagem científica tornar-se literária (no sentido de estética). Ainda no tocante à linguagem, considerando-se este excerto em análise, note-se como as descrições feitas pelo narrador-protagonista caracterizam-se por ser satíricas e expressionistas. Assim, quando ele, por causa da guerra, vê-se e vê os outros que dela participam como “bichos cruéis e estúpidos”, e se refere aos olhares dos odiosos agentes da PIDE para os “negros que bebiam nas mesas próximas as cervejas tímidas do medo”, o que o Autor, via Narrador, faz é desconstruir, agora por meio da sátira (daí o humano transformar-se em não-humano, por meio de metáforas ou símiles zoomórficos, aliás, como é próprio da expressão satírica), o colonialismo, o eurocentrismo. Ou então, por meio da descrição expressionista, muito cara também a António Lobo Antunes: “[...] o mundo-que-o-português-criou são estes luchazes côncavos de fome que nos não entendem a língua, a doença do sono, o paludismo, a amibiase, a miséria [...]”. O descritivismo do romancista, um dos seus estilemas mais evidentes, por sua estranheza, por sua insolitude, lembra, por vezes, o de Eça de Queirós (1845 – 1900), que, como António Lobo Antunes, também não raro recorria à hipálage em suas descrições, “[...] bolsos ávidos de ardinias e marçanos [...]” (primeiro excerto), “[...] lançando soslaios foscos de ódio aos negros que bebiam nas mesas próximas as tímidas cervejas do medo” (segundo excerto).

Jair Ferreira dos Santos, em seu propedêutico **O que é pós-moderno** (2006, p. 17), observa que o prefixo PÓS- (de Pós-modernismo) pressupõe necessariamente a existência de outro prefixo, DES-. Efetivamente, basta que se pense, por exemplo, em DESconstrução, DESconstrucionismo. No entanto, um leitor leviano e ingênuo pode ser iludido por esta afirmação simplista, embora corretíssima. A desconstrução não se dá

apenas e tão-somente pelo desejo da desconstrução, subjetiva, inconsequente, descompromissada. Ao contrário, desconstrucionismo implica uma tomada de consciência do desconstrutor em relação ao Outro, ao Diferente, quaisquer que sejam estes. E aqui a questão já concerne mais de perto ao plano do conteúdo. Considere-se, por exemplo, para não se fugir da leitura de **Os cus de Judas**, o “mundo-que-o-português-criou” na África, mais especificamente em Angola: o colonizador (europeu) impõe sua cultura ao colonizado (africano), como a Língua Portuguesa, e esta deve suplantar, senão anular a(s) nativa(s), exigindo-se inclusive que a pronúncia seja idêntica à de Portugal. Entenda-se: a voz do dono. A desconstrução a isto aparece admiravelmente na obra de outro ficcionista contemporâneo “português”, Luandino Vieira⁶, que hibridiza sua expressão lingüística, misturando africanismos com lusitanismos e, logrando, desta maneira, manter sua cultura, suas tradições, enfim, sua identidade. Assim, oraliza a literatura. Ou, como quer Salvato Trigo⁷, passa da escritura à oratura. Como se sabe, tudo vem pela língua, mesmo o não-verbal, que precisa ser traduzido pelo verbal. Considere-se, neste sentido, a *leitura* que se faz de uma escultura, de uma pintura, de uma música (instrumental, sem letra, é claro), manifestações artísticas cujas matérias-primas não são verbais. Deste modo, Roland Barthes parece acertar no que se refere à Lingüística e à Semiologia⁸.

É certo, António Lobo Antunes procede, desconstrói, de outro modo, porém, não menos eficaz, com seu discurso ora irônico, ora satírico, em **Os cus de Judas**. É certo, não mesticiza sua expressão lingüística, o que não quer dizer que não se dê conta de que o

⁶ Pseudônimo de José Vieira Mateus da Graça (1935 –), ficcionista português de nascimento, que assumiu a cidadania angolana (já no nome literário adotado), engajado inclusivamente no MPLA (Movimento Pela Libertação de Angola) contra o colonizador, Portugal, pelo que foi preso pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) por quatorze anos, em Portugal. Autor dos romances *Nós, os do Makulusu* (1974) e *Nosso musseque* (2003).

⁷ Ensaísta português, autor de *Luandino Vieira o logoteta* (Porto: Brasília Editora, 1981), tese de doutoramento em Literatura de Expressão Portuguesa, defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁸ Roland Barthes (1915 – 1980), em *O grau zero da escritura* (1953), contraria a posição de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), vendo a Semiologia como parte da Linguística

fora quer solapar o *dentro*, para retomarmos novamente Jacques Derrida, para quem a “escritura é mal político e mal lingüístico”⁹.

Desconstrução, portanto, já no pensamento derridiano (e pós-modernista), significa relativização, inclusão; nunca absolutização, exclusão. Daí por que se diz que o pós-modernismo é inclusivo, seja na arte, na filosofia, na ciência, na religião. Daí por que Jair Ferreira dos Santos (*op. cit.*, p. 110) note e anote, no Pós-modernismo, a substituição da conjunção OU pela conjunção E. Daí por que se disse, linhas atrás, que quem desconstroí quer, no fundo, reconstruir. **Os cus de Judas**, de António Lobo Antunes, prova-o, à perfeição.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

_____. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ANTUNES, António Lobo. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%a9nio_Lobo_Antunes. Acesso em 21/9/2010.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 15ª ed. Trad. de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁹ Jacques Derrida (2006, p. 204-205), retomando **Essai sur l'Origine des Langues**, de Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778), chama atenção para a voz, a verdadeira e presente expressão de liberdade do ser humano, em oposição à escritura, que tem a ver com ausência e servidão.

_____. **A escritura e a diferença.** Trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura.** Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Magaly Trindade, BELLODI, Zina. “Desconstrução”, in **Teoria da literatura “revisitada”.** Petrópolis: Vozes, 2005, p. 200-202.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARTINS, Vitor Hugo F. “A respeito de *Os cus de Judas*”. Ipiaú: UNEB, 2010.

NASCIMENTO, Evando, GLENADEL, Paula. (Orgs.) **Em torno de Jacques Derrida.** Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2000.

PIRES, Orlando. “Em direção ao Desconstrucionismo”, in **Manual de teoria e técnica literária.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988, p. 50-60.

PROENÇA FILHO, Domício. “O pós-modernismo”, in **Estilos de época na literatura.** 13ª ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 365-396.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Jair Ferreira da. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, José Humberto da. **Orientações metodológicas.** (Org.) Salvador: EDUNEB, 2008.

TRIGO, Salvato. **Luandino Vieira o logoteta.** Porto: Brasília Editora, 1981.

Recebido: 20/05/2013

Aceito: 30/07/2013